

Plantar e Pescar: um modo de vida de terra e mar

Farming and Fishing: a way of life of land and sea

Gustavo Peretti Wagner*

Palavras-chave:
Sambaquis
Agricultura
Pesca

Resumo: As etnografias com comunidades pescadoras tradicionais da faixa atlântica do Brasil Meridional realizadas, tanto pela Antropologia como pela Socioantropologia da pesca demonstram, reiteradamente, que a agricultura é essencial para a consolidação de um modo de vida. Na Arqueologia é voz corrente, desde o XIX, que os sambaquis materializam práticas milenares de pesca e coleta de moluscos, caracterizando as mais antigas comunidades pescadoras do litoral. No entanto, foi apenas no início do XXI que a Arqueologia passou a identificar micro vestígios vegetais nesses sítios. Hoje é possível cruzar os dados de mais de duas décadas de pesquisas em Antracologia e Paleobotânica com as dinâmicas sociais registradas pela Etnoecologia e etnografias, para seguir avançando na tentativa de compreender os modos de vida das sociedades que deram origem aos sambaquis do Brasil Meridional.

Keywords:
Sambaquis
Farming
Fishing

Abstract: The ethnographies with traditional fishing communities in the Atlantic region of Southern Brazil carried out by both Anthropology and Socioanthropology of fishing repeatedly demonstrate that agriculture is essential for the consolidation of a way of life. In Archeology, it is a current opinion, since the 19th century, that the sambaquis materialize ancient practices of fishing and mollusk collection, characterizing themselves as the oldest fishing communities on the coast. However, it was only at the beginning of the 21st that Archeology began to identify micro and macro plant remains in these sites. Today it is possible to cross-reference data from more than two decades of research in Anthracology and Paleobotany with the social dynamics recorded by Ethnoecology and ethnographies, to continue advancing in the attempt to understand the ways of life of the societies that give rise to the sambaquis of Southern Brazil.

Recebido em 26 de outubro de 2023. Aprovado em 1º de março de 2024.

Introdução

Desde que Mussolini (1953) sistematizou as semelhanças culturais que alicerçam as sociedades pesqueiras do litoral Brasileiro, ficou clara a existência de uma pesca tradicional caiçara, que em muito deve à contribuição indígena original. Mourão (2003[1971]) é quem demonstra a paulatina transformação das tecnologias e materiais

que impactaram definitivamente a pesca tradicional, a partir das décadas de 1940 e 1950, as quais culminaram na mecanização do mar e do próprio trabalho, vivamente denunciadas por Diegues (1972) e Duarte (1978). Para dar conta dos diferentes tipos de pesca caiçara perceptíveis nas etnografias da segunda metade do século XX, Diegues (1972, 1997) enquadra os pescadores ou, as pescas, em tradicional, pequena pesca mercantil e

* Doutorado. Bacharelado em Arqueologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, UFPel. gustavo.wagner@ufpel.edu.br

industrial. Obviamente que, dessas três categorias, nos interessa a primeira: a pesca tradicional.

É necessário levar em conta que a caracterização desse pescador deve muito às sínteses de Mussolini (1945, 1946, 1953), Schmidt (1947), Willems (2003[1952]), Câmara-Cascudo (2002[1954]), Kottak (1966, 1983) e Forman (1967, 1970) e, por consequência, reúne etnografias de diferentes regiões do país. Seria possível ainda recuarmos um século à síntese de Veríssimo (1970[1895]) sobre a pesca ribeirinha amazônica e litoral do salgado. Mas, independentemente da região, o que nos salta aos olhos é a recorrente informação de que as diferentes comunidades pesqueiras da costa brasileira possuem um calendário de pesca estritamente atrelado ao calendário de plantio e colheita, em uma sinergia que constrói um modo de vida de terra e mar.

De forma ampla a pesca provê o ano inteiro, mas as pescas especializadas, como a da tainha, dependem do envolvimento profundo de toda a comunidade. Pescadores velhos e jovens, mulheres e crianças, cumprem diferentes papéis numa pesca episódica e ritualizada, de altíssima produtividade. A entressafra de momentos de fartura é entrelaçada com o plantio das mandiocas (doce e amarga) que viram farinha, do milho, cará, feijões e abóboras (cf. Willems, 2003[1952]; Mussolini, 1953; Mourão, 2003[1971]; Diegues, 2004). Trata-se, de forma simplificada, do modo de vida indígena identificado arqueologicamente em toda a costa Meridional do Brasil, documentada desde Staden (1999[1554]).

É importante ressaltar que a existência de uma base alimentar voltada para os cultivos agrícolas não descaracteriza o *ethos*¹ pescador. Mourão (2003[1971]) já havia identificado que, mesmo na pesca industrial, onde os meios de produção transformaram-se drasticamente, o *ethos*, a identidade e o sentimento de pertença (no sentido dado por Barth, 1969) permanecem na relação com o mar.

Obviamente que o mar, enquanto elemento simbólico de contorno identitário, é entendido como síntese do mundo das águas costeiras, abrangendo as pescas milenares de “dentro da barra”, do “mar raso” e, mais recentemente, do “mar de fora”².

O texto que segue reúne informações de campo de quatro disciplinas diferentes que se dedicam às populações pesqueiras tradicionais: Arqueologia, Antropologia, Etnoecologia e Socioantropologia. A proposta é entrelaçar o que cada uma nos ensina sobre o papel da agricultura na construção de um modo de vida que é originalmente indígena e milenar, para que possamos recuar, imaginativamente, à dinâmica diária daquelas pessoas que deram origem aos sambaquis.

Os calendários de terra e mar

It is interesting that fishermen claim they would be agriculturalists under any circumstances because their personalities simply will not allow it.
Shepard Forman, *The Raft Fishermen* (1970)

Em que pese os pescadores não se compreendam como agricultores, é necessário que tenhamos claro que a base da alimentação, sobretudo no que tange aos amidos e vitaminas, vem de terra. Todas as comunidades etnografadas, na vasta bibliografia existente sobre o tema, roçam nos quintais e matas, na retaguarda das vilas que estão sempre à beira mar. Quando o espaço é pequeno, geralmente em ilhas, ou os terrenos são impróprios, as roças são abertas no continente e longas viagens são demandadas para o cuidado constante dos cultivos. De fato, não há registro de comunidades tradicionais pesqueiras em que a pequena agricultura, para consumo e troca (quando há excedente), não esteja presente.

Mourão (2003[1971]) demonstra que em todos os momentos de crise nos diferentes ciclos econômicos da pesca paulista e paranaense, dados ao longo de quase um século, foram enfrentados com o retorno à pequena agricultura. Acompanhada da pesca cotidiana das espécies mais previsíveis³ e sedentárias⁴ a agricultura representa a segurança alimentar na pesca tradicional. O peixe seco, moqueado ou salgado somado a farinha de mandioca formam a base alimentar das populações pesqueiras da costa há milênios. Ou, como bem coloca Mussolini (1953, p. 86) a “...associação do peixe com a farinha de mandioca na dieta é dos aspectos mais gerais da cultura litorânea...”. Mas é

Diegues (2004, p. 263) quem sintetiza o quanto o modo de vida da pesca tradicional ainda dependia da agricultura indígena original na virada do XIX para o XX.

A abundância era, pois, fruto da natureza pródiga de um lado e da combinação entre a agricultura itinerante e a pesca, sobretudo da tainha. Essa complementaridade... começou a ser rompida quando o pescador-lavrador foi gradativamente se transformando em pescador artesanal⁵, mais dependente do mercado e cada vez menos da lavoura. [...].

De forma geral, aquilo que é identificado nas etnografias para o Brasil Meridional como o plantio de subsistência são mandiocas doce (aipim) e amarga ou brava, feijões, milho, cará e abóbora⁶. Trata-se de uma agrodiversidade manejada priorizando a policultura nas roças itinerantes (ou de coivara). Apoiando-se em densa revisão bibliográfica sobre agricultura de pescadores litorâneos e amazônicos, Peroni (2004, p. 65) chega a dizer que:

...a principal característica entre todas as populações indígenas e tradicionais brasileiras estudadas é a dependência do cultivo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) para a subsistência. A mandioca é a principal cultura, seguida por outras culturas de uso de raízes e tubérculos como o cará (*Discorea*), batata-doce (*Ipomoea batatas*) e taioba ou taiá (*Xanthosoma*), sendo este talvez uns dos mais marcantes legados da história agrícola tropical. [...].

Os relatos de campo do Sudeste ilustram que as duas espécies de mandioca apresentam diversas vantagens: podem ser plantadas e colhidas a qualquer época do ano, não necessitam solo de alta fertilidade podendo ser colhidos com tamanhos médios sete meses após o plantio, sendo 18 meses o ideal para a produção de farinha e, depois de transformadas em farinha, compõem alimento de longa durabilidade (Willems, 2003[1952]). São preferidos os meses de Setembro e Outubro para a preparação dos terrenos e plantio, reservando a lua crescente para a semeadura dos feijões (Peroni, 2004). Em Julho e Agosto as roças são queimadas e o

solo revirado. Um “aceiro” é reservado no entorno da roça. Trata-se de uma faixa de terra limpa com dupla finalidade, que impede o avanço do fogo sobre a mata. Os feijões e mandiocas são plantadas intercaladamente no interior do roçado e os carás e batatas são plantados no “aceiro”. Os cultivos de abóboras, medicinais e frutíferas são, via de regra, mantidos nos quintais, “do lado de casa” (Willems, 2003[1952]; Mourão 2003[1971], Peroni, 2004).

Em síntese, no calendário anual da economia básica das comunidades tradicionais “...*havia a pesca da tainha, praticada durante o inverno, período de pouca produtividade agrícola...*” (Diegues, 2004, p. 260) e, nos meses quentes, havia a combinação das pescas não sazonais com a agricultura itinerante efetuada nos roçados e quintais.

Arqueobotânica de sambaquis

Existe uma secular tradição, ao menos na Arqueologia do Novo Mundo, de procurar nos concheiros a origem da horticultura (ou agricultura) e dos processos de sedentarização, uma vez que, o enorme volume de conchas que forma os monumentais sítios sugere o óbvio: permanência (Binford, 1983). Na América do Sul as primeiras datações por C14 recrudesceram a interpretação, pois as cerâmicas mais antigas estavam, justamente, nos sítios de Valdívia, Puerto Hormiga (Meggers, 1979; Roosevelt, 1992) e Taperinha (Roosevelt *et al.*, 1991; Navarro; Roosevelt; Wagner, 2021).

As pesquisas em sambaquis têm sugerido a presença de cultivos na base alimentar desde a década de 1950, através dos macrovestígios carbonizados de *Dioscorea* sp (carás) e sementes de *Arecaceae* (palmeiras), de *Myrtaceae* (araçás) e de *Annonaceae* (pinha, ata) encontrados em Forte Marechal Luz, Itacoara, Enseada I, Morro do Ouro e Espinheiros II (cf., Wesolowski *et al.*, 2007). Mas foi apenas com as pesquisas de Scheel-Ybert (2001) Scheel-Ybert *et al.*, (2003), Wesolowski (2007), Boyadjian (2012) e Scheel-Ybert; Boyadjian (2020) que passou a ser possível identificar as espécies vegetais presentes no registro arqueológico e, talvez o mais importante, ampliar nossa compreensão sobre seus diferentes usos, para além da alimentação.

Mas ainda no que tange à alimentação, “...grânulos do tipo milho, grânulos do tipo batata doce/*Araceae* e grânulos de *Dioscorea sp* (carás)...” retirados de cálculos dentários de indivíduos exumados em Morro do Ouro, Enseada, Forte Marechal Luz e Itacoara testemunham o consumo reiterado de amiláceos. Fitólitos diversos de *Poaceae* (gramíneas) e, possivelmente, *Arecaceae* (taiobas) e *Araucaria angustifolia* (pinhão) também compunham as amostras analisadas (Wesolowski et al., 2007, p. 201). Em Jabuticabeira II a extração de microvestígios de cálculos dentários trouxe ainda novos dados e sugere que os recursos:

...provinham de plantas com órgão de reserva subterrâneos, como *Araceae* (família do inhame), *Convolvulaceae* (batata-doce), *Dioscoreaceae* (carás) e *Maranthaceae* (ariá). Outros provinham de plantas produtoras de frutos ou sementes comestíveis, como *Arecaceae* (palmeiras), *Myrtaceae* (provavelmente pitanga) e *Poaceae* (incluindo milho). (Boyadjian et al., 2016, p. 150)

É importante que observemos que as pesquisas em sambaquis sinalizam o uso tanto de plantas domesticadas quanto de plantas coletadas, ou diretamente extraídas do entorno dos sítios. Nos parece que seja cada vez mais evidente que as florestas e matas que circundam os sítios são manejadas e planejadas para as demandas do dia-a-dia nos sambaquis.

As gramíneas e palmáceas que foram referidas para os sambaquis de Santa Catarina, Jabuticabeira II, Cubatão I, Enseada, Morro do Ouro e Itacoara são elementos básicos para confecção da tralha de pesca indígena e tradicional em todo o Brasil. Cubatão I proveu diversos trançados confeccionados a partir de raízes da epífita *Philodendron corcovadensis* (*Araceae*), datados em 3.000 anos AP, o mesmo identificado em Alfredo Wagner (no planalto catarinense) (cf., Santos, 2010). Peixe; Melo Jr.; Bandeira, (2007) sugerem, inclusive, o uso medicinal da *Araceae*. Nos sambaquis do Rio de Janeiro, Salinas Peroano, Boca da Barra, Forte, Ponta da Cabeça, Beirada e Pontinha, a significativa quantidade de *Typha domingensis* e *Sideroxylon obtusifolium* sugere o manejo das espécies no entorno dos sítios (Scheel-Ybert, 2001). Ambas as espécies são comumente utilizadas pelas

comunidades caiçaras do Sudeste na fabricação de esteiras, trançados e tralhas (Paes; Miro; Terra, 2016).

Em jabuticabeira II, Bianchini; Scheel-Ybert; Gaspar (2007) identificaram uma estaca de *Lauraceae* (*Ocotea*) compondo a estrutura erigida para o complexo funerário que compunha a área de sepultamentos. Diversos negativos de estacas análogas foram encontrados com fogueiras em associação. A “proximidade entre as estacas e as fogueiras, de modo que elas estavam sujeitas à ação do calor... provocaria a volatilização de óleos essenciais” o que reitera a ritualização da morte nos sambaquis (Bianchini; Scheel-Ybert; Gaspar, 2007, p. 227).

Os carvões coletados em Salinas Peroano, Boca da Barra, Forte, Ponta da Cabeça, Beirada e Pontinha indicam que lenha utilizada nas fogueiras vinha do entorno imediato dos sambaquis: das Restingas⁷. “More than 100 taxa were identified in the single Sambaqui do Forte” (Scheel-Ybert, 2001, p. 474). A coleta aleatória de madeira morta deve ter sido a tônica dessas práticas, o que é atestado pelos traços de decomposição anteriores à carbonização e pelos sinais de ataque de larvas ainda visíveis nos carvões.

De fato, a Arqueologia dos Sambaquis tem demonstrado que o uso dos vegetais vai muito além da alimentação e queima.

O que os isótopos estáveis sugerem sobre o consumo de vegetais

Desde que DeMasi (2001) aplicou as análises de isótopos estáveis de Nitrogênio e Carbono na Arqueologia dos Sambaquis, em Santa Catarina, recrudesceram as esperanças de uma melhor compreensão sobre os padrões de dieta e mobilidade das populações que ocuparam a costa Meridional. De fato, os isótopos estáveis de estrôncio, nitrogênio, oxigênio e carbono mostraram-se extremamente úteis para o estudo dos componentes proteicos das economias pretéritas, mas Bastos (2014) e Bastos et al. (2014) deixaram claras as limitações do método para o estudo do consumo de vegetais. Na realidade, nos é possível saber quais indivíduos, ou grupos de indivíduos, tiveram em suas vidas dietas com base em grandes conjuntos de espécies vegetais: aquelas

que apresentaram caminhos fotossintéticos C3 (trigo, soja, arroz, mandioca, tabaco, inhames, etc.), bem como as arbustivas e arbóreas, ou seja, parte das frutas), daqueles que se alimentaram basicamente de plantas que tiveram o caminho fotossintético C4 (milho, milheto, sorgo, tiririca, gramíneas, etc.). Há ainda a possibilidade de identificação de uma alimentação mista onde os valores C3 e C4 se sobrepõem. Por fim, há o caminho fotossintético das plantas CAM (agave, abacaxi, etc.). Quando comparados ao grau de especificidade dos resultados obtidos a partir das etnografias e análises de fitólitos ou pólenes, os isótopos estáveis produzem resultados bem mais genéricos.

Os estudos com isótopos estáveis disponíveis para o litoral Meridional concentram-se, novamente, em sítios de Santa Catarina e Rio de Janeiro e se referem tanto às ocupações dos sambaquis quanto ceramistas. Raros são os trabalhos que comparam os resultados obtidos para os indivíduos da costa com os do interior. É destaque o trabalho de DeMasi (2001) que evidencia a discrepância entre uma dieta proteica marinha nas séries estudadas no litoral para com a dieta centrada em proteínas terrestres plantas C3 e C4 advinda dos indivíduos estudados em sítios do planalto. No que tange aos sambaquis, utilizou análises isotópicas de oxigênio (18/16O) e cores de conchas e demonstrou a estabilidade anual dos assentamentos da Lagoa da Conceição. E vai além, demonstrando através das análises de colágeno (13/12C e 15/14N) que as populações que ocuparam SC-PRV-01 passaram a vida na costa, vivendo do mar, sobretudo da pesca. No entanto, não encontra evidências que sugiram a existência de cultivos vegetais, seja nos sambaquis ou nos sítios ceramistas.

Em Forte Marechal Luz Bastos (2014) e Bastos et al. (2014) analisaram 22 dentes disponíveis para as camadas cerâmicas e pré-cerâmicas. Os resultados demonstraram que o sambaqui propriamente dito foi ocupado por populações cujas dietas proteicas foram centradas em recursos marinhos: na pesca. No entanto, os indivíduos originários das camadas com presença da cerâmica Taquara-Itararé parecem ter possuído uma dieta mais voltada para os recursos proteicos terrestres acompanhados por plantas C3.

É interessante destacar que desde Tiburtius; Bigarella; Bigarella (1950-1951), Beck (2007[1973]) e Bryan; Gruhn (1993) sabemos que a diversificação dos instrumentos e estratégias de captura de peixes se deu em concomitância ao início das ocupações ceramistas no litoral catarinense. Os sítios de Itacoara, Enseada I e Forte Marechal Luz podem ser considerados estudos piloto mas, esforços de síntese realizados na década passada reforçaram a interpretação (Ferreira *et al.*, 2019). No entanto, as pesquisas com isótopos estáveis realizadas em Forte Marechal Luz sugerem que a multiplicação da tralha de pesca, as arpepescas, apontadas no século passado não condiz com populações cuja dieta era majoritariamente calcada na pesca.

No sítio cerâmico da Praia da Tapera “...valores pouco negativos do $\delta^{13}C$ do colágeno e altos valores de $\delta^{15}N$ sugerem que a dieta proteica dos indivíduos analisados do Tapera seria rica em animais de alto nível trófico, como peixes e mamíferos marinhos. [...]” Bastos (2014, p. 47). Aqui a dieta é marinha e aponta para a preferência pelos predadores carnívoros do mar e, novamente, diverge do esperado, pois o consumo de vegetais sejam C3 ou C4 é secundário, ao mesmo tempo em que os peixes comumente encontrados no registro arqueológico (bagres, corvinas, tainhas, etc.) não correspondem ao nível trófico identificado.

Em Galheta IV, Colonese et al., (2014) encontraram um padrão de dieta baseada nas proteínas marinhas em concomitância com vegetais C3, bastante próximo ao que comumente se espera para as ocupações ceramistas do litoral catarinense.

Sem dúvida a multiplicação de pesquisas com os isótopos estáveis permitirá preencher as lacunas hoje existentes nos quadros interpretativos sobre o consumo e produção de alimentos na Arqueologia dos Sambaquis. De toda forma, o que se percebe neste momento inicial dos estudos, é que as sociedades pescadoras que se estabeleceram na costa Meridional apresentam marcadores indiscutíveis da importância, mesmo que secundária, do consumo de vegetais. Ao que tudo indica, não há razão para negarmos que o plantio e o manejo de espécies vegetais tenha feito parte das atividades cotidianas nos sambaquis.

Etnoecologia de pescadores

O termo Etnobotânica, enquanto integrante da Etnobiologia, existe formalmente no Ocidente desde a década final do XIX. No Brasil é a declaração de Belém de 1988 que consolida o campo. A preocupação original era com as florestas tropicais ameaçadas. A partir de então, as populações tradicionais da Amazônia e Mata Atlântica passaram a ser foco de pesquisas intensas. No que tange às comunidades pescadoras amazônicas, são os trabalhos de Berta Ribeiro os grandes expoentes, onde a Etnobotânica e a Etnoictiologia possuem destaque (Ribeiro, 1995). Para a Mata Atlântica do Sul e Sudeste multiplicaram-se as pesquisas já existentes com a pesca caiçara, agora focadas sob a nova ótica (Diegues, 1994; Hanazaki, 2004). A crescente interlocução com a Ecologia Humana ampliou a abordagem integrando todo o sistema ecológico (Peroni, 2004), reforçando a abordagem atualmente difundida e conhecida como Etnoecologia de pescadores (Pieve; Kubo; Coelho-de-Souza, 2009).

Desde o início, e é isso que nos importa aqui, os usos da flora pelas populações pescadoras foram entendidos para muito além dos usos alimentares. A partir dos trabalhos da Etnoecologia é possível reunir os usos dos vegetais em categorias amplas como a confecção de artefatos⁸, infraestrutura, saúde, alimentação, místicas e ornamentais. Todas as plantas utilizadas dependem, logicamente, de duas estratégias básicas de manejo: ou são cultivadas nos roçados, sejam quintais pomares e roças, ou são extraídas diretamente do mato.

Os bosques, ou “capões de mato”, do entorno das localidades são planejados para o provimento diário das demandas. No entanto, é comum nas etnografias o registro de longos deslocamentos para o acesso a plantas de usos especiais, geralmente medicinais, existentes em comunidades vizinhas, casas de parentes ou pesqueiros distantes. A manutenção desses saberes de cura perpetua as relações de reciprocidade e sociabilidade, ao mesmo tempo em que reforça a autonomia sobre os territórios de domínio. Como bem colocam Pieve; Kubo; Coelho-de-Souza (2009, p. 140), algumas medicinais, para ocasiões específicas, “...devem ser ganhadas ou trocadas...” e, inclusive, são apelidadas

com o nome de quem as forneceu. Por vezes, as medicinais precisam ser encomendadas a um integrante determinado da comunidade, alguém que tenha parentesco com a liderança que possui ascendência sobre a mata em que se encontra a planta e que lhe conceda o trânsito. As relações sociais imbricadas compõem o cuidado comunitário e a reciprocidade, para além das práticas de cura e os aspectos funcionais de cada planta.

Nos acampamentos estacionais de pesca, em que a distância condiciona a permanência por dias ou até semanas, há o plantio de frutíferas e medicinais, mantidas constantemente. A Myrtaceae, provavelmente Pitanga, encontrada em Jabuticabeira II por Boyadjian et al., (2016) é comumente utilizada pelas comunidades pescadoras do Sudeste para tratamento de resfriados, dores de dente e garganta, diarreia e infecção urinária (*Eugenia uniflora* L. cf., Hanazaki, 2004). No Sul, nas comunidades das lagoas Mirim e dos Patos, as pitangas e os araçás (também Myrtaceae) são utilizadas como frutos, mas principalmente como lenha. A *Sideroxylon obtusifolium* encontrada nos sambaquis do Sudeste possui dupla utilização nas comunidades pescadoras do Sul, onde é conhecida por coronilha, serve tanto como medicinal quanto para lenha. Os artefatos e materiais para reparos emergenciais em redes e linhas, bem como os insumos para alimentação são transportados para os acampamentos a cada pescaria, mas a infraestrutura básica é mantida com materiais locais (Rechenberg, 2007; Baptista, 2008; Pieve; Kubo; Coelho-de-Souza, 2009).

A confecção dos artefatos, em geral, está representada pelas espécies empregadas nos trançados, esteiras, linhas, redes, cordame, cestaria e tecidos geralmente extraídas em pontos específicos, fora dos limites das comunidades. As diversas espécies de Typha (Jabuticabeira II) e palmáceas (amplamente encontradas nos sambaquis de Santa Catarina e Rio de Janeiro) são extraídas diretamente “do mato”, no entorno das comunidades e são empregadas na confecção de cestarias e trançados (cf., Hanazaki, 2004). Nas lagoas dos Patos e Mirim as bóias das redes eram geralmente de frutos, cabaças e madeiras leves, como a corticeira-do-banhado (*Erythrina crista-galli*). As marrequinhas, as flores da corticeira, são lembradas nas etnografias como

os brinquedos da infância, colocadas para boiar, imitando os barcos dos adultos.

O mesmo vale para os recursos empregados nos diversos tipos de embarcações, remos e tralhas de pesca: sempre extraídos das matas. A infraestrutura está representada pela arquitetura vernacular (madeiramento das casas), pelas tapagens, pelas caixas e currais de pesca, bem como pelas estruturas que compõem os estaleiros e rampas de manutenção, geralmente improvisadas no porto das canoas (Diegues, 1994, 2004). “*O junco era conhecido como material de construção para paredes de casas inteiras ou parte delas, a cozinha de junco, por exemplo...*” (Pieve; Kubo; Coelho-de-Souza, 2009, p. 145). As gramíneas, em geral, são amplamente descritas como cobertura das casas. No Sul o capim-santa-fé aparece nas etnografias como “coberta” dos barracos, oficinas e acampamentos estacionais de pesca (Rechenberg, 2007).

A imbirá (*Daphnopsis racemosa*) utilizada para calafetar, para cordoaria e trançados é também medicinal, empregada contra dores no corpo. Mascar suas folhas ou inseri-las em infusão são estratégias empreendidas em benzeduras e, para além disso, há relato de uso para proteção entre as comunidades da Lagoa Mirim: “*quando você vai num lugar em que tem muita cruzeira se faz uma tirinha e ata no tornozelo, a gente vai lá nos Araçás, colher araçá lá, nós amarramos nos pés e graças a Deus, cruzeira não se vê nenhuma!*” (Pieve; Kubo; Coelho-de-Souza, 2009, p. 145).

Todos estes saberes locais originais foram se transformando ao longo do século passado e o que a Etnoecologia de pescadores reúne hoje, em suas etnografias, é uma diminuta parte do conhecimento indígena original, acrescido de todas as contribuições do Velho Mundo (África, Europa e Oriente). A introdução das linhas de náilon tornou desnecessários os banhos de tingimento que garantiam longevidade e resistência às tralhas. No Rio Grande do Norte “*...um jangadeiro, dono de sua jangada, pinta a vela com decoção de mangue, dando coloração avermelhada...*”, como bem ilustra a etnografia antropológica de Câmara-Cascudo (2002[1954], p. 49). Sabidamente, a vela é aparelho que apenas foi introduzido à navegação indígena⁹ depois de 1500 e o que mais nos interessa nesse relato é o uso dos tingimentos em tralhas originais.

As linhas sofrem um processo de preparação para o uso. São esfregadas com folhas de mangue-ratinho ou aroeira. Diz *-se encascar a linha*. Depois de seis a oito dias de pescaria as linhas são postas numa infusão de coipuna ou catanduva para tomar cor e enrijecer. Ficam dispostas nas varas, enxugando ao sol e ao vento. Secas, voltam à infusão, 15 a 20 dias. Fica a linha *encascada*, resistindo água salgada, impermeável. Tornam-se negras e duram muito tempo. Quando é mal *encascada* o jangadeiro diz que *abuou*, apodreceu. (Câmara-Cascudo, 2002[1954], p. 50)

Nas comunidades caixaras do Sudeste, a preparação para a safra da tainha, semanas antes de maio, mobilizava homens e mulheres na confecção e conserto das redes, sejam de arrasto de praia, caceias ou dos tresmalhos. Toda a tralha era imersa em infusão de casca de árvore: aroeira, mangue, cajueiro (dentre outras), depois estendidas em varais dispersos pela praia (Schmidt, 1947). As canoas “*...são guardadas em ranchos cobertos e pintadas, usando-se o óleo de noga (feito da nogueira de Iguapé, nativa da região) que pode ser adicionado a outras tintas. Canoas conservadas, assim, podem durar mais de meio século.*” (Diegues, 2004, p. 277). Na Lagoa Mirim a capororoca (*Myrsine spp*), a aroeira (*Schinus spp*) e a corunilha (*Sideroxylon obtusifolium*) são as plantas referidas para “encascar” (Pieve; Kubo; Coelho-de-Souza, 2009).

Mas há um aspecto metodológico importante que precisa ser ressaltado, enquanto ressalva, antes do encerramento desta seção do texto. As etnografias utilizadas aqui são oriundas de trabalhos específicos, ora realizados em comunidades pontuais, sejam caixaras, onde a pesca é marítima (embora haja sempre pesca de “dentro da barra”), ora realizados em comunidades das águas interiores do sistema Patos Mirim, onde a pesca é exclusivamente em águas interiores. De toda forma, as vegetações exploradas são as restingas que ornamentam de forma tão característica a faixa atlântica do Brasil Meridional.

Considerações finais

O percurso pelas diversas abordagens destinadas ao estudo das comunidades pescadoras da

costa Meridional do Brasil demonstrou que a agricultura é estruturante para economia básica da pesca tradicional. De fato, a pesca tradicional é, em sua origem, indígena. O modo de vida Tupi, baseado na agricultura e pesca, identificado desde as crônicas do XVI é a origem da pesca caiçara, que em muito foi acrescida das contribuições do Velho Mundo, desde então.

O avanço das pesquisas arqueobotânicas em sambaquis do Sul e Sudeste permitiu perceber que as populações pescadoras dos sambaquis possuíam um modo de vida mais complexo e uma economia bem mais farta e abrangente do que se supunha. A aproximação dos dados paleobotânicos com as diferentes etnografias, providas pela Antropologia, Etnoecologia e Socioantropologia da pesca, permitiu contribuir para o entendimento da dinâmica cotidiana das comunidades pescadoras do passado, permitiu que, de alguma forma, conferíssemos movimento aos dados arqueológicos.

Notas

1 A pesca como elemento de coesão social foi já abordada em Diegues (2004) para as comunidades tradicionais do Brasil Meridional e Wagner; Silva (2014, 2022) têm consolidado o uso destas categorias analíticas para o estudo das sociedades indígenas costeiras do Sul do Brasil. Especialmente no que tange à arqueologia dos sambaquis (Wagner; Silva; Hilbert, 2020; Wagner, 2022; Silva; Gaspar, 2022; Pompeu; Wagner; Silva, 2023) e cerritos (Silva; Wagner; Ulguim, 2023) o emprego dos conceitos tem reforçado as díades previsibilidade e imprevisibilidade, inverno e verão, dentro e fora da barra. Estas duas últimas são reforçadas pela etnografia presente em Gaspar; Klokler; DeBlasis (2011) para a laguna de Santa Marta.

2 Para uma melhor compreensão da aplicação daqueles conceitos na Arqueologia dos Sambaquis veja Wagner; Silva (2021a, 2021b).

3 Imprevisibilidade e previsibilidade são categorias aplicadas às populações pescadoras dos sambaquis e cerritos em Silva; Wagner; Ulguim (2023). A dialética estabelecida procura demonstrar como o cotidiano da pesca interage com as pescas episódicas e ritualizadas, partindo das espécies identificadas no registro arqueológico daqueles sítios no Sul do Brasil.

4 A pesca de marcação é a pesca de espécies sedentárias e dá contornos de previsibilidade a este tipo de pesca, o que já está dito em Kant de Lima (1999[1978]). Wagner

(2022) traz esta categoria para a Arqueologia dos Sambaquis no intuito de emalhar ao conceito de monumentalidade já proposto em DeBlasis et al., (1998) e Fish et al., (2000). Monumentalidade e marcação são conceitos para a compreensão da dinâmica da pesca nos sambaquis.

5 O que a Socioantropologia da pesca qualifica como pescador artesanal é aquele que pesca individualmente, abordo de sua canoa propelida por motor de centro ou popa, inserido na esfera da pequena produção mercantil.

6 Gioconda Mussolini (1945, 1946) registra que a recente chegada dos imigrantes japoneses trouxe uma série de elementos tecnológicos inovadores para as comunidades do litoral Norte paulista, como as redes de emalhe de três panos, o plantio do arroz e o beneficiamento das algas para a culinária. Willems (2003[1952]) destaca que, na Ilha de Búzios, o plantio do arroz foi abandonado quando da saída das famílias japonesas que migraram para Santos, impossibilitando o acesso anual dos pescadores às sementes. (Mourão (2003[1971]) identifica o mesmo fenômeno para as regiões de Cananéia e litoral paranaense. Obviamente, não nos deteremos aqui a estes cultivares não indígenas, pois é improvável que apareçam nas amostras paleobotânicas dos sambaquis do Brasil Meridional, em que pese Hilbert et al., (2017) tenham encontrado um tipo de arroz no concheiro Monte Castelo.

7 Wagner (2009) procurou demonstrar o quanto as ocupações sambaqueiras do litoral Norte do Rio Grande do Sul se sobrepõem aos mosaicos das restingas litorâneas e, ao mesmo tempo, o quanto as atividades de queima fazem parte do dia a dia nos sítios, mais especificamente, no Sambaqui do Recreio. Recentemente Scheel-Ybert; Boyadjian (2020) sugeriram que os grupos dos sambaquis sejam entendidos, para além de “Povo da Lagoa” (cf., Kneip, 2004; Kneip; Farias; DeBlasis, 2018), mas também como povos das restingas.

8 Pieve; Kubo; Coelho-de-Souza, (2009) sugerem o uso da categoria tecnologia, Ribeiro (1995) engloba os artefatos no conceito amplo de cultura material e Hanazaki (2004) aplica o termo plantas para manufaturas. Todos são termos apropriados aos objetivos dos trabalhos em questão, mas, tendo em vista que todo o registro arqueológico é cultura material e todos os objetos são manufaturados, sentimos a necessidade de utilizar termos que permitissem maior segmentação.

9 Diversos trabalhos abordam as navegações tradicionais da costa brasileira, detalhando os aparelhamentos de velame e performances de cascos. Para uma pesquisa detalhada sobre a navegação eminentemente indígena do XVI, ver Wagner; Foster da Silva (2022).

Referências

- BASTOS, Murilo Q. R. 2014. 158f. **Dos Sambaquis do Sul do Brasil à Diáspora Africana**: estudo de geoquímica isotópica de séries esqueléticas humanas escavadas de sítios arqueológicos brasileiros. Tese (Doutorado em Geologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- BASTOS, Murilo Q. R.; LESSA, Andrea.; CARVALHO, Cláudia R.; TYKOT, Robert H.; SANTOS, Roberto V. Análise de isótopos de carbono e nitrogênio: a dieta antes e após a presença de cerâmica no sítio Forte Marechal Luz. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 24, p. 137-151, 2014.
- BAPTISTA, Marcela Meneghetti. **Etnobotânica de Uma Comunidade de Pescadores Artesanais e Suas Percepções Sobre a Reserva Biológica do Lami, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. 2008. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação (Ciências Biológicas), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, (1997[1969]), p.188-250.
- BECK, A. **A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis do Litoral de Santa Catarina**. Erechim: Habilis, 2007[1973].
- BIANCHINI, Gina Faraco; SCHEEL-YBERT, Rita; GASPAR, Maria Dulce. Estaca de Lauraceae em Contexto Funerário (Sítio Jabuticabeira II, Santa Catarina, Brasil). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 17, p. 223-229, 2007.
- BINFORD, Lewis R. **Em busca do Passado**. Sintra: Europa-América, 1983.
- BOYADJIAN, Célia Helena Cezar. **Análise e identificação de microvestígios vegetais de cálculo dentário para a reconstrução de dieta sambaqueira: estudo de caso de Jabuticabeira II, SC**. 2012, 225f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BOYADJIAN, Célia Helena Cezar; EGGERS, Sabine; REIHARDT, Karl Jan; SCHEEL-YBERT, Rita. Dieta no Sambaqui de Jabuticabeira-II (SC): consumo de plantas revelado por microvestígios provenientes de cálculo dentário. **Cadernos do Lepaarq**, v. 13, n. 25, p. 132-161, 2016.
- BRYAN, Alan L; GRUHN, Ruth. **The Sambaqui at Forte Marechal Luz, State of Santa Catarina, Brazil**. Corvallis: Center for the Study of the First Americans. Oregon State University, Oregon/EUA, 1993.
- CÂMARA-CASCUDO, Luís. **Jangada: uma pesquisa etnográfica**. São Paulo: Global Editora, 2002[1954].
- COLONESE, André Carlo; COLLINS, Matthew; LUCQUIN, Alexandre; EUSTACE, Michael; HANCOCK, Yvette; PONZONI, Raquel A.R.; MORA, Alice; SMITH, Colin; DeBLASIS, Paulo; FIGUTI, Levy; WESOLOWSKI, Verônica; PLENS, Cláudia R.; EGGERS, Sabine; FARIAS, Deisi S.E.; GLENDHILL, Andy; CRAIG, Oliver E. Long-Term Resilience of Late Holocene Coastal Subsistence System in Southeastern South America. **PLoS One**, v. 9, n. 4, e93854, 2014.
- DEBLASIS, Paulo; FISH, Suzanne K.; GASPAR, Maria Dulce; FISH, Paul R. 1998. Some References for the Discussion of Complexity Among the Sambaqui Moundbuilders from the Southern Shores of Brazil. **Revista de Arqueologia Americana**, n. 15, p. 75-106, 1998.

DEMASI, Marco Aurelio Nadal. Pescadores coletores da costa sul do Brasil. **Pesquisas, Antropologia**, São Leopoldo, n. 57, 2001.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Pesca e Marginalização no Litoral Paulista**. 1972, 190f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, 1972.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Annablume, 1994.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. Tradition and change in brazilian fishing communities: towards a social anthropology of the sea. *In*: DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. (Org.) **Tradition and social change in the coastal communities of Brazil**. São Paulo: NUPAUB, p. 1-24, 1997.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **A pesca construindo sociedades**. São Paulo: NUPAB- USP, 2004.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção do pescado em Jurujuba**. 1978. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

FERREIRA, Jessica; BANDEIRA, Dione da Rocha; BARTZ, Magda Carrion; FOSSILE, Thiago; MAYORKA, Felipe. Reflexões Sobre a Pesca Pré-Colonial na Baía da Babitonga: litoral norte de Santa Catarina, Brasil. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 16, n. 32., p. 138-155, 2019.

FISH, Suzanne K.; DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulce; FISH, Paul R. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral Sul do estado de Santa Catarina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 10, p. 69-87, 2000.

FORMAN, Shepard. Cognition and the Catch: The Location of Fishing Spots in a Brazilian Coastal Village. **Ethnology**. v. 6, n. 4, p. 417-426, 1967.

FORMAN, Shepard. **The Raft Fishermen: Tradition and Change in the Brazilian Peasant Economy**. Illinois: Indiana University Press, 1970.

GASPAR, Maria Dulce; KLOKLER, Daniela; DEBLASIS, Paulo. Traditional Fishing, Mollusk Gathering, and the Shell Mound Builders of Santa Catarina, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 31, p. 188-212, 2011.

HANAZAKI, Natalia. Etnobotânica. *In*: BEGOSSI, Alpina. (Org.). **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: NUPAUB-USP/HUCITEC/FAPESP/NEPAM-UNICAMP, 2004, p. 37-59.

HILBERT, Lautaro; NEVES, Eduardo Góes; PUGLIESE, Francisco; WHITNEY, Bronwen S.; SHOCK, Myrtle; VEASEY, Elizabeth; ZIMPEL, Carlos Augusto; IRIARTE, José. Evidence for mid-Holocene rice domestication in the Americas. **Nature: Ecology & Evolution**, 1, p. 1693–1698, 2017.

KANT DE LIMA, Roberto. **Pescadores de Itaipu: a pescaria da tainha e a produção ritual da identidade social**. Museu Nacional, Rio de Janeiro, (1978[1997]).

KOTTAK, Conrad Phillip. **The Structure of Equality in Brazilian Fishing Community**. Columbia, Univ. Press, 1966.

KOTTAK, Conrad Phillip. **An Assault on Paradise**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1983.

KNEIP, Andreas. **O Povo da Lagoa: Uso do SIG para Modelamento e Simulação na Área Arqueológica do Camacho**. 2004, 172f. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

KNEIP, Andreas; FARIAS, Deisi; DEBLASIS, Paulo. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaquieira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 1, p. 25-51, 2018.

MEGGERS, Betty J. **América Pré-Histórica**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

MOURÃO, Fernando A. **Os pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, NUPAUB-USP, 2003[1971].

MUSSOLINI, Gioconda. O Cêrco da tainha na Ilha de São Sebastião. **Sociologia: Revista Didática e Científica**, v. 7, n. 3, p.135-147, 1945.

MUSSOLINI, Gioconda. O Cêrco flutuante: Uma rede de pesca japonesa que teve na Ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil. **Sociologia: Revista Didática e Científica**, v. 8, n. 3, p.172-183, 1946.

MUSSOLINI, Gioconda. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. **Revista de Antropologia**. v. 1, n. 2, p. 81-97, 1953.

NAVARRO, Alexandre; ROOSEVELT, Anna; WAGNER, Gustavo Peretti. O Papel do Atlântico no Povoamento Indígena da América do Sul. **Tessituras**, v. 9, n. 2, p. 250-259, 2021.

PAES, Raquel da Silva; MIRO, José Maria Ribeiro; TERRA, Ricardo Pacheco. Organização Socioespacial dos Artesãos de Esteiras da Comunidade da Barra do Açu, São João da Barra/RJ. **Revista de Geografia Acadêmica**, v. 10, n. 2, p. 67-81, 2016.

PEIXE, Sarah Petrykowski; MELO Jr., João Carlos Ferreira de Melo; BANDEIRA, Dione da Rocha. Paleobotânica dos Macrorestos Vegetais do Tipo Trançados de Fibras Encontrados no Sambaqui Cubatão I, Joinville, SC. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 211-222, 2007.

PERONI, Nivaldo. Agricultura de Pescadores. *In*: BEGOSSI, Alpina. (Org.). **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: NUPAUB-USP/HUCITEC/FAPESP/NEPAM-UNICAMP, 2004, p.59-89.

PIEVE, Stella Maris Nunes; KUBO, Rumi Regina; COELHO-DE-SOUZA, Gabriela. **Pescadores artesanais da Lagoa Mirim: etnoecologia e resiliência**. Brasília: MDA, 2009.

POMPEU, Filipi Gomes de; WAGNER, Gustavo Peretti; SILVA, Lucas Antônio da. Peixes Pescados e Esculpidos: zoomorfos e haliêutica nos sambaquis do Sul do Brasil. **Amazônica**, v. 15, n. 1, p. 199-231, 2023.

RECHENBERG, “**Vamo Falá do Nosso Lami**”: estudo antropológico sobre memória coletiva, cotidiano e meio ambiente no bairro Lami, Porto Alegre. 2007, 223f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

RIBEIRO, Berta G. **Os Índios das Águas Pretas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia Amazônica. In: Carneiro da Cunha, Manuela (Org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 53-87.

ROOSEVELT, A. C.; HOUSLEY, R. A.; IMAZIO-SILVEIRA, M.; MARANCA, S.; JOHNSON, R. Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon. **Science**, v. 254, n. 5038, p. 1621-1624, 1991.

SANTOS, Adriana Maria Pereira dos. **A Conservação de Material Vegetal Encharcado nos Sambaquis de Joinville/SC**. 2010, 76f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, UNIVILLE, Joinville, 2010.

SCHMIDT, C. Alguns aspectos da pesca no litoral paulista. **Revista do Museu Paulista**. n.s. vol 1, p. 181-212, 1947.

SCHEEL-YBERT, Rita. Man and vegetation in Southern Brazil during the Late Holocene. **Journal of archaeological science**, v. 28, n. 5, p. 471-480, 2001.

SCHEEL-YBERT, R.; EGGERS, S.; WESOŁOWSKI, V.; PETRONILHO, C.;

BOYADJIAN, C.; DEBLASIS, P.; BARBOSA-GUIMARÃES, M. GASPAR, M. D. Novas Perspectivas na Reconstituição do Modo de Vida dos Sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. **Revista de Arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 109-137, 2003.

SCHEEL-YBERT, Rita; BOYADJIAN, Célia. Gardens on the Coast: considerations on food production by Brazilian shellmound builders. **Journal of Anthropological Archaeology**. v. 60, p. 1-12, 2020.

SILVA, Lucas Antonio da; GASPAR, MaDu. Os Sambaquieiros e as Águas: Reflexões sobre as relações entre o modo de vida pescador e os rios, as lagoas e os mares. **Tessituras**, v. 10, n. 1, p. 203-217, 2022.

SILVA, Lucas Antonio da; WAGNER, Gustavo Peretti; ULGUIM, Victória Ferreira. A previsibilidade da pesca na imprevisibilidade do mar: o cotidiano da pesca nos cerritos e sambaquis do Rio Grande do Sul, Brasil. **Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas**, v. 18, p. 1-17, 2023.

STADEN, Hans. **A Verdadeira História dos Selvagens, Nus e Ferozes Devoradores de Homens**. Rio de Janeiro: Dantes, 1999[1554].

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K.; BIGARELLA, J. J. Nota prévia sobre a jazida paleoetnográfica de Itacoara (Joinville, Estado de Santa Catarina). **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, vol., V e VI, 315-343p., 1950-1951.

VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970[1895].

WAGNER, Gustavo Peretti. **Sambaquis da Barreira da Itapeva, uma perspectiva geoarqueológica**. 2009, 241f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WAGNER, Gustavo Peretti. Monumentalidade e Marcação: conceitos para a compreensão da pesca nas sociedades sambaqueiras. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências. Humanas**, v. 18, n. 1, p. 1-10, 2022.

WAGNER, Gustavo Peretti; FOSTER DA SILVA, Jefferson. Navegação Indígena nas Águas de Morpion. **Revista de Arqueologia**, v. 35, n. 2, p. 121-135, 2022.

WAGNER, Gustavo Peretti; SILVA, Lucas Antonio da. Prehistoric maritime domain and Brazilian shellmounds. **Archaeological Discovery**, v. 2, n.1, p. 1-5, 2014.

WAGNER, Gustavo Peretti; SILVA, Lucas Antonio da. A Pesca Historicizada. *In*: SILVA, Lucas Antonio da; WAGNER, Gustavo Peretti. **Imagens da Pesca: Uma Etnografia Arqueológica na Região das Lagoas do Rio Grande do Sul**. Madrid: JAS Arqueológica, 2022, 36-47p.

WAGNER, Gustavo Peretti; SILVA, Lucas Antonio da. “Outros Pesqueiros”: Apontamentos sobre a pesca, os pescadores e os ambientes do Sul do Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências. Humanas**, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2021(a).

WAGNER, Gustavo Peretti; SILVA, Lucas Antonio da. Saberes e Pesqueiros: Reflexões Sobre Conhecimento e Território na Pesca Tradicional do Sul do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n. 2, p. 124-135, 2021(b).

WAGNER, Gustavo Peretti; SILVA, Lucas Antonio da; HILBERT, Lautaro Maximilian. O Sambaqui do Recreio: geoarqueologia, ictioarqueologia e etnoarqueologia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 15, n. 2, p. 1-12, 2020.

WESOLOWSKI, Verônica. **Cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: É possível comer amido e não ter cárie?** 2007. Tese (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007.

WESOLOWSKI, Verônica; MENDONÇA DE SOUZA, Sheila Maria Ferraz; REINHARD, Karl; CECCANTINI, Gregório. Grânulos de amido e fitólitos em cálculos dentários humanos: contribuição ao estudo do modo de vida e subsistência de grupos sambaquianos do litoral sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 17, p. 191-210, 2007.

WILLEMS, Emilio. **A Ilha de Búzios: uma comunidade Caiçara no Sul do Brasil**. São Paulo, HUCITEC, (2003[1952]).